

**LITERATURA BRASILEIRA**  
**Textos literários em meio eletrônico**  
**Sermão de Santa Catarina (1663),**  
**de Padre António Vieira.**

Texto Fonte:

Editoração eletrônica:  
Verônica Ribas Cúrcio

Quinque autem ex eis erant fatuae, et quinque prudentes (1).

**I**

A casa que edificou para si a Sabedoria: Sapientia aedificavit sibi domum (2), era aquela parte mais interior e mais sagrada do Templo de Salomão, chamada por outro nome Sancta Sanctorum. Levantavam-se no meio dela dois grandes querubins, cujo nome quer dizer sábios, e são entre todos os coros dos anjos os mais eminentes na sabedoria. Com as asas cobriam estes querubins a Arca do Testamento, e com as mãos sustentavam o propiciatório, que eram os tesouros e o assento da Sabedoria divina. A Arca era o tesouro da Sabedoria divina em letras, porque nela estavam encerradas as tábuas da lei, primeiro escritas, e depois ditadas por Deus; o propiciatório era o assento da mesma Sabedoria em voz, porque nele era consultado Deus, e respondia vocalmente, que por isso se chamava oráculo. As paredes de toda a casa em roda estavam ornadas com sete palmas, cujos troncos formavam outras tantas colunas, e os ramos de umas para as outras faziam naturalmente seis arcos, debaixo dos quais se viam em pé seis estátuas, também de querubins. Esta era a forma e o ornato da casa da Sabedoria, edificada por Salomão, porém traçada por Deus, e não se viam em toda ela mais que querubins e palmas, em que a mesma Sabedoria, como vencedora de tudo, ostentava seus troféus e triunfos.

Mas se Deus naquele tempo se chamava Dominus exercituum, e se prezava de mandar sobre os exércitos e batalhas, e dar ou tirar as vitórias, parece que as estátuas colocadas debaixo de arcos triunfais de palmas não haviam de ser de querubins sábios, senão de capitães famosos. Não pareceria bem, debaixo do primeiro arco, a estátua de Abraão com a espada sacrificadora de seu próprio filho, vencendo a quatro reis só com os guardas das suas ovelhas? Não diria bem, debaixo do segundo arco, a estátua de Moisés com o bastão da vara prodigiosa, afogando no Mar Vermelho a Faraó, e triunfando de todo Egito? Não sairia bem, debaixo do terceiro arco, a estátua de Josué com o sol parado desfazendo o poder e geração dos gabaonitas, sem deixar homem à vida? Não avultaria bem, debaixo do quarto arco, a estátua de Gedeão com a tocha na mão esquerda e a trombeta na direita, metendo em confusão e ruína os exércitos inumeráveis de Madiã e Amalec? Não campearia bem, debaixo do quinto arco, a estátua de Sansão com o leão aos pés e a queixada do jumento na mão, matando a milhares dos filisteus? Finalmente, não fecharia esta famosa fileira a estátua de Davi com a funda e a pedra, derrubando o gigante e cortando-lhe a cabeça com a sua própria espada? Pois se estas seis estátuas famosas ornariam pomposamente a sala do Senhor dos exércitos, por que razão os arcos triunfais das palmas cobrem antes estátuas de querubins sábios, que de capitães valorosos? Porque é certo na estimação de Deus, ainda que alguns homens cuidem o contrário, que as vitórias da Sabedoria são muito mais gloriosas que as das armas, quanto vai das mãos à cabeça. Por isso quis o mesmo Deus que lhe edificasse a casa, não o pai, senão o filho, não Davi, o valente, senão Salomão, o sábio.

Suposta esta verdade, que em toda a parte, e muito mais neste empório das letras, se deve supor sem controvérsia, acomodando-me à profissão do auditório e à celebridade do dia, só falarei de Santa Catarina hoje enquanto doutora e sábia. Lá diz Ezequiel que viu uma roda junto a um querubim: Rota una juxta cherub unum (Ez. 10,9). E que querubim é aquele, que tem a roda ao lado, senão Santa Catarina? Na casa da Sabedoria, a cada palma respondia um querubim; nesta, que também é da sabedoria, veremos um querubim com muitas palmas. O assunto pois do sermão serão as vitórias de Catarina, e o título: A sábia vencedora. Ave Maria.

## II

O mais formoso teatro que nunca viu o mundo, a mais grave e ostentosa disputa que nunca ouviram as Academias, a mais rara e portentosa vitória que nunca alcançou da ignorância doura e presumida a verdadeira sabedoria, é a que hoje teve por defendente um querubim em hábito de mulher, ou um rosto de mulher com entendimento e asas de querubim, Santa Catarina. A aula, ou teatro desta famosa representação, foi o palácio imperial; os ouvintes e assistentes, o Imperador Maximino, o senado de Alexandria, e toda a corte e nobreza do Oriente; a questão, a da verdadeira divindade de um ou de muitos deuses, e a fé ou religião que deviam seguir os homens; os defendentes, de uma parte uma mulher de poucos anos, e da outra cinqüenta filósofos, escolhidos de todas as seitas e universidades; e a expectativa da disputa e sucesso da controvérsia, igual nos ânimos de todos à grandeza de tão inaudito certame. Em primeiro lugar propuseram os filósofos inchados seus argumentos, aplaudidos e vitoriosos de todo o teatro, e só da intrépida defendente recebidos com modesto riso. E depois que todos disseram quanto sabiam em defesa e autoridade dos deuses mortos e mudos, que eles chamavam imortais, então falou Catarina, por parte da divindade eterna e sem princípio, do Criador do céu e da terra e da humanidade do Verbo, tomada em tempo, para remédio do mundo.

Falou Catarina, e foi tal o peso das suas razões, a sutileza do seu engenho e a eloquência mais que humana com que orou e perorou, que não só desfez facilmente os fundamentos ou erros dos enganados filósofos, mas, redarguindo e convertendo contra eles seus próprios argumentos, os confundiu e convenceu com tal evidência, que sem haver entre eles quem se atrevesse a responder ou instar, todos confessaram a uma voz a verdade infalível da fé e religião cristã. E que faria com este sucesso Maximino, imperador empenhado e cruel? Afrontado de se ver vencido nos mesmos mestres da sua crença, de quem tinha fiado a honra e defesa dela, e enfurecido e fora de si, por ver publicamente demonstrada e conhecida a falsidade dos vãos e infames deuses, a quem atribuía o seu império, em lugar de seguir a luz e docilidade racional dos mesmos filósofos, com sentença bárbara e ímpia, mandou que ou sacrificassem logo aos ídolos, ou morressem todos a fogo. Todos, sem duvidar nem vacilar algum, aceitaram a morte por Cristo, não só constantemente, mas com grande alegria e júbilo, e na mesma hora, e do mesmo teatro onde tinham entrado filósofos, saíram teólogos, onde tinham entrado gentios, saíram cristãos, e onde tinham entrado idólatras, saíram mártires. Oh! vitória da fé a mais ilustre e ostentosa, que antes nem depois celebraram os séculos da Cristandade! Oh! triunfo de Catarina, não com duas palmas nas mãos, de virgem e mártir, mas com cinqüenta palmas aos pés de sutil, de angélica e de invencível doutora! Digna por esta inaudita façanha de que no mais alto do Monte Sinai, depois de ser trono do supremo legislador, as mesmas mãos, que escreveram as primeiras letras divinas, levantassem eterno troféu à memória das suas.

Esta foi, senhores, a famosa ação, tão própria do dia como do lugar, sobre que determino discorrer neste breve espaço; e para ponderar os quilates dela nas circunstâncias mais particulares e relevantes de tão admirável vitória, me ofereceu o Evangelho as palavras que propus: *Quinque autem ex eis erant fatuae, et quinque pruddentes* (Mt. 25, 2). Eram as virgens, que saíram a receber o Esposo, dez, e destas dez, cinco sábias e cinco néscias. Sábias e néscias quando saíram: *Exierunt obviam sponso et sponsae* (3); sábias e néscias quando se detiveram: *Moram autem faciente Sponso* (4); sábias e néscias quando umas entraram às bodas e outras ficaram de fora: *Et quae paratae erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua* (5). O em que agora reparo, é que sendo estas duas parelhas semelhantes no sexo, iguais no número e diferentes no entendimento; semelhantes no sexo, porque todas eram mulheres; iguais no número, porque eram cinco e cinco; diferentes no entendimento, porque umas

foram sábias, outras néscias — nem todas estas néscias, nem parte, nem sequer uma delas, com a companhia, com o trato e com a conversação das sábias se emendasse e deixasse de ser néscia. Se todas as néscias aprendessem, e todas as sábias ensinassem a o ser, não parece demasiada maravilha de mulheres a mulheres, de cinco a cinco e de sábias a néscias, mas de mulheres a mulher, de cinco a uma, e de sábias a néscia, que nem esta uma e única se mudasse com a companhia, nem se emendasse com o trato, nem se convertesse com o exemplo? Assim foi, e assim costuma ser, sendo mais digno de admiração que as néscias não pervertessem a todas as sábias, que todas as sábias não converterem uma néscia.

Passemos agora a Santa Catarina, e vejamos estas mesmas parelhas no sexo, no número e no entendimento, quão diversas foram na sua batalha, e quanto mais admiráveis na sua vitória. Lá o sexo era o mesmo, porque umas e outras eram mulheres; o número igual, porque umas e outras eram cinco; as armas e a força maior, porque umas eram sábias e outras néscias; porém, na batalha de Catarina com os filósofos, ela era uma, e eles cinqüenta; ela mulher, e eles homens; ela sábia, e eles sábios, que é muito mais forte e muito mais dificultosa oposição. E que uma mulher, ou menos que mulher, porque apenas chegara a dezoito anos, posta em campo contra tantos e tais homens, não só vencesse a um, nem a muitos, senão a todos, e os sujeitasse a defender com a vida a mesma fé que impugnavam, estas, digo, que foram as circunstâncias da sua vitória, que a fazem sobre toda a imaginação gloriosa. Vamos agora discorrendo e ponderando cada uma por si, e veremos quão singular foi em cada uma e em todas a nossa sábia vencedora.

### III

Começando pela primeira diferença, que é de número a número, e de uma a muitos, se a antigüidade, ainda fabulosa, assentou por axioma indubitável que nem Hércules contra dois, que desafio pode haver mais desigual, e que vitória mais gloriosa, que a de um, ou de uma, que ainda é menos, contra cinqüenta? No desafio do gigante filisteu contra os exércitos de Saul, sempre admirei muito a forma do cartel com que os irritava ou provocava ao campo: *Eligite ex vobis virum, et descendat ad singulare certamen*: Escolhei de todo o vosso exército o homem que quiserdes — dizia o gigante — e saia comigo a certame singular, isto é, de corpo-a-corpo, de soldado a soldado, de homem a homem. — Assim continuou a blasonar o filisteu quarenta dias inteiros, e por mais que experimentava que não havia quem se atrevesse a aceitar o desafio, nunca mudou nem acrescentou o cartel. E isto é o que eu admiro. A estatura deste gigante como descreve o texto sagrado, era de seis côvados e um palmo: *Altitudinis sex cubitorum et palmi* (1 Rs. 17, 4). Pois, se era tamanho como três homens, por que não desafiava a sua arrogância, ou a três, ou quando menos a dois, senão a um só: *Ad singulare certamen*? Porque sabia, como soldado que era, que um homem contra mais que um homem, por mais gigante e por mais valente que seja, não tem partido. Ainda não está ponderado. Saem as danças a receber a Davi em triunfo depois da vitória, e o que cantavam era: *Percussit David decem milia* (1 Rs. 18,7): Davi, em matar o gigante, matou dez mil. — Pois um homem, que valia por dez mil homens, não se atreve a desafiar mais que a um homem? Não. A arrogância nos valentes sempre é maior que a valentia, e não há valentia nem soberba tão agigantada que se atreva a sair a campo mais que um com um.

Oh! que afrontada ficaria a arrogância de Golias, se neste dia ressuscitara, à vista do desafio e certame de Catarina! Uma em campo contra cinqüenta, e não contra cinqüenta homens, senão contra cinqüenta gigantes, porque cada um era o maior e o corifeu da sua escola. Como os opositores eram cinqüenta, pudera justamente Catarina dividir o desafio em cinqüenta batalhas, e o certame em cinqüenta disputas, sustentando a verdade que defendia singular e separadamente contra cada um; mas que tivesse confiança para se opor a todos juntamente, e valor para os impugnar e vencer a todos juntos? Esta foi a maior circunstância da maravilha. Naquele famoso desafio dos três Horácios romanos contra os três Coriácios albaneses, dois Coriácios mataram dois Horácios, e o terceiro Horácio, que ficou, matou aos três Coriácios. Mas como? Vendo-se só, lançou a fugir, e os outros após ele. Alcançou-o o que mais corria, e voltando-se contra este, matou-o, e continuou a fugir; alcançou-o o segundo, e também o matou; e depois que não ficava mais que o último, então pelejou

só por só com ele, e com a sua morte acabou de vingar as dos dois irmãos, e ficou com a inteira vitória. Tito Lívio e os outros historiadores romanos celebram muito esta façanha, dizendo que o terceiro Horácio venceu aos três Coriácios, mas não dizem bem. Venceu por três vezes a cada um, mas não venceu a todos três. E evidente, porque ele venceu aqueles com quem pelejou, e nunca pelejou com todos três, nem com dois, senão com um só. Foram três vitórias de um, mas não foi uma vitória de três. E é tanto assim, que dos três fugiu, e também dos dois, porque nem com três, nem com dois se atreveu a pelejar, senão só com um.

Muito antes deste caso tinha dito Salomão: *Funiculus triplex difficile rumpitur* (Ecl. 4,12): que o cordão de três fios dificilmente se rompe. — E por isso o prudente e valoroso Horácio, aos mesmos três que juntos se não atreveu a desafiar, desfiou-os, e deste modo rompeu fio a fio o cordão, que não podia romper unido. Mas não assim Catarina. Não dividiu os seus combatentes, nem pelejou com eles um a um, mas com serem não dois, nem três, senão cinquenta, a todos cinquenta admitiu juntos, e a todos juntos venceu.

É tão sublime e tão mais que humano este modo de vencer, que até a mesma Onipotência, se não obra extraordinariamente, divide para vencer, ou vence dividindo. A maior guerra que a soberba humana intentou contra Deus foi a dos edificadores da Torre de Babel. Presumiam de chegar com ela ao céu: *Cujus cumen pertingat ad caelum* (6). E chegou a dizer Deus que o haviam de conseguir, se se não acudisse com tempo à temeridade de seus intentos: *Caeperunt hoc facere, nec desistent a cogitationibus suis donec eas opere compleant* (7). Enfim, acudiu o mesmo Deus em pessoa, e o modo com que desbaratou os intentos daqueles homens, que eram todos os que havia no mundo, foi dividindo-os. Juntos edificavam a torre contra o céu; divididos não houve mais quem continuasse a obra, e o mesmo edificio que começou em torre acabou em confusão, e por isso se chamou Babel.

Assim venceu Deus então, mas não venceu assim Catarina hoje, posto que uma e outra empresa fossem mui semelhantes. Os pensamentos com que se uniram os filósofos também eram, não de edificar uma torre que chegasse, mas de sustentar outra que já chegava ao céu, porque no céu, e em todos os céus punham as falsas divindades que defendiam. Em um céu a Júpiter, em outro céu a Saturno, em outro a Mercúrio, em outro a Vênus, em outro a Marte, em outro a Diana, em outro a Apolo. E que fez Catarina? Deus, aos edificadores da torre, confundiu-lhes as línguas: *Venite, confundamus linguam eorum* (8). E Catarina, aos filósofos também lhes confundiu as línguas, mas por outro modo. Deus confundiu as línguas aos edificadores, mudando-lhas de modo que se não entendessem; e Catarina confundiu as línguas aos filósofos, atando-lhas de modo que não pudessem falar, nem tivessem que responder. Uns e outros ficaram confusos, e uns e outros vencidos, mas Deus venceu aos seus opositores dividindo-os, e Catarina aos seus sem os dividir. Aludindo a este mesmo artifício de Deus, lhe dizia Davi em semelhante caso: *Praecipita, Domine, divide linguas eorum, quoniam vidi iniquitatem et contradictionem in civitate* (9). Os meus inimigos, Senhor, unidos todos com Absalão, já se começam a dividir em Jerusalém, uns seguindo o conselho de Aquitofel, outros o de Cusai; o que agora vos peço é que os dividais de todo e a todos, como fizestes na Torre de Babel, porque os que não posso vencer juntos, eu os vencerei divididos. Oh! Davi! Oh! Catarina! Davi, imitando aquela vitória de Deus, quer-se tomar com os inimigos divididos para os vencer, e Catarina, sem imitação nem exemplo, não pede que venham os inimigos um por um, nem divididos, senão juntos, porque não quer vencer a cada um com muitas vitórias, senão a todos com uma.

#### IV

A razão desta dificuldade e diferença em vencer os mesmos juntos ou divididos é porque, ainda que a multidão se compõe de unidades, as mesmas unidades, que divididas são fracas, ou menos fortes, unidas são fortíssimas. Daqui se entenderá aquele enigma teológico, que, com ser verdade definida, sempre se explica e declara com novidade, e nunca acaba de se entender. É certo que só com os auxílios ordinários ninguém pode vencer todas as tentações em matéria leve; e também é certo que só com os mesmos auxílios pode todo o homem vencer cada uma dessas mesmas tentações. Pois, se cada uma das tentações em singular é a que forma aquela coleção ou multidão de todas, e todas se

compõem só de cada uma delas, sem se lhe acrescentar outra alguma, eu, que posso vencer a cada uma, por que não posso vencer a todas? Porque esse é o mistério e a força da multidão. Os mesmos contrários, que divididos se podem vencer sem grande dificuldade, todos, e juntamente tomados, ou é muito dificultoso, como nos outros casos, ou impossível, como neste. E notai, ou lembrai-vos — como sabeis — que não falam os Concílios de coleção simultânea, senão sucessiva, para que se veja quanto é sobre as hipérbolos da admiração vencer Catarina, e convencer juntamente a todos os cinquenta filósofos, quando fora vitória mais que admirável vencer e convencer sucessivamente a cada um, sendo tantos.

Disse vencer e convencer, e disse pouco, porque bem pudera Catarina vencer e convencer todos aqueles filósofos sem os reduzir nem converter, e este foi o ponto mais árduo da vitória, e por isso mais gloriosa. Não houve teatro mais semelhante ao de Alexandria, em que estamos, que o outro famosíssimo de Mênfis, em que o bárbaro Faraó fez o papel de Maximino. Estava Moisés só de uma parte, e da outra todos os magos do Egito, presente o rei e a corte, suspenso ele e toda ela na expectativa do sucesso. Não refere o mesmo Moisés — que é o autor da história — quantos eram os magos, porque ele foi tão confiado e generoso, que não pôs limite ao número. E posto que São Paulo só nomeia a dois, Janes e Mambres (2 Tim. 3,8), tanto importava que fossem dois, como duzentos. E esta é outra grande circunstância e excelência do número que Catarina venceu, porque os cinquenta não foram limitados por ela, senão escolhidos pelo imperador; donde se segue que tanto montou vencer a cinquenta, como se foram cinco mil. Converteu, pois, Moisés a sua vara em serpente, e os magos também as suas em outras igualmente ferozes e grandes, e o fim da batalha foi que a serpente de Moisés comeu todas as outras: *Devoravit virgas eorum* (Êx. 7,12) Agora pergunto: e não bastava que a serpente de Moisés matara as serpentes dos Magos? Parece que não só bastava, senão que deste modo ficaria a superioridade mais conhecida, a vitória mais ostentosa, o teatro mais funesto e temeroso, e o mesmo Faraó mais confuso e compungido. Pois, por que razão as serpentes dos egípcios não foram somente mortas, senão comidas? Porque nesta batalha da serpente de Moisés com as dos egípcios eram significadas as batalhas e vitórias que a sabedoria cristã havia de alcançar de todas as seitas dos gentios, tão fantásticas, aparentes e falsas, como as serpentes dos magos; e nestas batalhas da fé e da religião é maior e mais dificultosa vitória ficarem os contrários comidos, que somente mortos. E por quê? Porque ficarem somente mortos é ficarem vencidos e convencidos, sem força, alento, nem voz para persistir no que defendiam; porém, ficarem comidos e incorporados em quem os comeu é ficarem não só vencidos e convencidos, senão também convertidos, assim como o que se come se converte na substância de quem o come. E mistério altíssimo declarado, não menos que pelo mesmo Deus a São Pedro, quando lhe mostrou todos os gentios em figuras de feras e serpentes, e lhe mandou que não só as matasse, senão que também as comesse, isto é, que as convertesse e incorporasse em si mesmo: *Occide, et manduca* (10).

Tal foi a vitória de Catarina, que não só venceu e convenceu os filósofos e suas seitas, mas, vencidos e convencidos, os converteu a todos da falsa crença das mesmas seitas à verdade da Fé, que pretendiam impugnar, fazendo-os de membros do demônio, membros de Cristo, e incorporando-os em si mesma, bem assim como a serpente de Moisés às serpentes dos Magos. A serpente de Moisés era uma, e Catarina uma; as serpentes dos Magos muitas, e os filósofos muitos; aquelas não só vencidas, mas comidas, estes não só vencidos, mas convertidos; aquelas todas, e estes todos, sem haver um só que persistisse no seu erro. Só houve de caso a caso, e de vitória a vitória esta notável diferença: que a serpente de Moisés comeu as serpentes dos Magos uma a uma, e cada uma por si, assim como eles as formaram: *Projecerunt singuli virgas suas, quae versae sunt in dracones*(11). Porém, Catarina não venceu e converteu os filósofos um por um, e cada um por si, em disputa ou batalha particular, senão a todos juntamente, e de uma vez. Da serpente de Moisés, diz a propriedade do texto, que devorou e engoliu as serpentes dos Magos, para mostrar que nenhuma teve força para resistir, assim como o que não tem dureza ou resistência se engole facilmente. Mas se esta serpente engolira as outras não cada uma por si, senão todas juntas e de um bocado, não seria muito maior prodígio? Claro está. Pois isto que não fez a serpente milagrosa de Moisés, fez Catarina sem milagre, convencendo e convertendo a tantos e tão assinalados filósofos, não a cada um particularmente em muitas disputas, senão a todos em uma só, maravilha singular e sem exemplo.

Quatro vezes, em diversos tempos, entrou em disputa pública, à vista de toda África, Santo Agostinho. Mas com quantos contendeu? A primeira vez com Fortunato, maniqueu, a segunda com Félix, também maniqueu, a terceira com Fortúnio, donatista, a quarta com Emérito, também donatista. Que saísse sempre vencedor Agostinho, não é necessário que se diga; mas o que fez mais gloriosas estas vitórias, foi que os mesmos vencidos as confessaram e se reduziram à Fé que negavam. E se é tanta glória do maior atleta da Igreja, que de pessoa a pessoa, e de doutor a doutor vencesse em quatro disputas a quatro homens insignes nas suas seitas, que glória incomparável será a de Catarina vencer e convencer em uma só disputa a cinquenta muito mais famosos nas suas? De São Gregório Magno sabemos que em disputa singular venceu também e reduziu a Eutíquio. Mas quão raras e contadas têm sido em todos os séculos da Igreja semelhantes vitórias, sendo tão freqüentes os exemplos contrários? Em presença do Papa Zeferino convenceu Caio a Proco, montanista, mas não se reduziu Proco. No Concílio Antioqueno convenceu Melchior a Paulo Samosateno, mas não se reduziu Paulo. Diante de muitos juizes de todas as faculdades convenceu Arquelau a Manete, maniqueu, mas não se reduziu Manete. Em congresso de muitos bispos, em que se achou também o mesmo rei de França, convenceu São Bernardo a Pedro Abelardo, mas não se reduziu Pedro. Assim convenceu São Cirilo Alexandrino a Nestório, Máximo Abade a Pirro, São Cesário a Juliano, São Jerônimo a Helvídio, S. Joviniano a Vigilância, e nenhum deles reconheceu a vitória da verdade, antes, afrontados de se verem convencidos, se obstinaram mais.

Mas, para que é referir exemplos de homem a homem, se aos mesmos Concílios inteiros sucedeu outro tanto? Ponde-vos com a memória em Jerusalém, em Nicéia, em Constantinopla, em Roma, em Cartago, em Trento: que é o que vedes? Em Trento, vereis que contra a majestade e autoridade ecumênica, e contra a sabedoria universal de toda a Igreja Católica, se atreve a resistir um Lutero, e não se rende ao Concílio Tridentino. Em Cartago, que um Celéstio, assim mesmo convencido, resiste ao Concílio Cartaginense. Em Roma, que um macedônio se não sujeita ao Concílio Romano. Em Nicéia, que um Ário contradiz o Concílio Niceno. Em Constantinopla, que um Dióscoro se opõe ao Concílio Constantinopolitano. Em Jerusalém, finalmente, que ao Concílio Jerosolimitano, em que presidiu São Pedro e assistiram os apóstolos, um Cerinto contraria e impugna suas definições, e levanta a primeira seita contra sua doutrina. Tal é a rebeldia e obstinação do entendimento humano, quando se deixa inchar da presunção e cegar da soberba. Agora voltemos com o mesmo pensamento a Alexandria, e ponhamos juntamente os olhos naqueles grandes teatros da cristandade e neste. Naqueles, tantos e tão eminentes homens, ainda que convencem claramente, não bastam a reduzir um homem batizado e cristão; e neste, uma só Catarina convence, rende e sujeita a Cristo tantos e tão eminentes homens, idólatras e gentios. Ali, tantos não prevalecem contra um; aqui, uma prevalece contra tantos. O conceito que da combinação deste paralelo resulta, forme-o cada um, se acaso o compreende, que eu não tenho palavras com que o rastear, quanto mais encarecer.

## V

Se na consideração do número venceu Santa Catarina as Virgens sábias do Evangelho, reduzindo ela só a cinquenta, quando elas, sendo cinco, não puderam nem souberam reduzir a uma, não foi menos ilustre a sua vitória na consideração do sexo. As virgens, sendo mulheres, não ensinaram a uma mulher; Catarina, sendo mulher, ensinou a cinquenta homens. O apóstolo São Paulo fiou tão pouco do gênero feminino, que a todas as mulheres proibiu o ensinar: *Docere autem mulieri non permitto*(12). E que razão teve São Paulo para um preceito tão universal e tão odioso a metade do gênero humano, e na parte mais sensitiva dele? A razão que teve foi a maior de todas as razões, que é a experiência: *Adam non est seductus, mulier autem seducta in praevaricatione fuit* (1 Tim. 2,14): Em Adão e Eva — diz o Apóstolo — se viu a diferença que há entre o entendimento do homem e o da mulher — porque Eva foi enganada, Adão não. — Ensine logo Adão, ensine o homem; Eva e a mulher, não ensine. O que só lhe convém, e o que lhe mando, é que aprenda e cale: *Mulier in silentio discat*(13). Segundo este preceito, que mais parece natural que positivo, pois o Apóstolo o deduz desde Adão e Eva, Catarina havia de aprender e calar, como mulher, e os filósofos ensinar, como homens, como filósofos, como graduados nas suas ciências, e como os primeiros e mais insignes

mestres delas. Mas que Catarina fale e os filósofos ouçam, que Catarina ensine e os filósofos aprendam, que Catarina não só dispute, mas defina, não só argumente, mas conclua, não só impugne, mas vença, e tantos homens, e tais se reconheçam e confessem vencidos, foi vitória que de sexo a sexo só teve um exemplo, e de entendimento a entendimento nenhum.

Quis Deus humilhar a potência de Jabim, rei dos cananeus, os quais tinham mui abatido e humilhado o povo de Israel: Humiliavit Deus in die illo Jabim, regem Chanaam, coram filiis Israel (14). E diz o mesmo texto que para esta grande empresa escolheu ou inventou Deus uma guerra nova: Nova bella elegit Dominus (Jz. 5,8). Em guerra nova, e inventada por Deus, parece que havia de ser nova e nunca vista a ordem dos esquadrões, novas e nunca vistas as armas, novas as máquinas, novos os estratagemas, mas nada disto houve. Pois, em que consistiu esta novidade tão celebrada? Consistiu em que da parte dos cananeus foram vencidos muitos homens, e da parte dos israelitas foi a vencedora uma mulher. Assim o disse Débora a Barac, que era o general do exército israelítico: In hac vice victoria non reputabitur tibi, quia in manu mulieris tradetur Sisara (Jz. 4,9): Esta vez, não há de ser a vitória vossa, porque Sisara, general dos cananeus, e todo seu exército há de ser vencido por uma mulher. — Notai a palavra: In hac vice: esta vez, porque vencer uma mulher, e serem vencidos os homens, não é coisa que suceda muitas vezes, senão uma vez em todos os séculos: uma vez nas batalhas das armas, como em Débora, e outra vez nas das letras, como em Catarina. E se foi tão gloriosa e decantada a vitória de Débora só por ser de mulher contra homens, posto que levasse consigo quarenta mil, quanto mais admirável e admirada deve ser a de Catarina, não acompanhada de outros, senão ela só, nem em guerra de espada a espada, senão de entendimento a entendimento.

Mulher era de alto entendimento, posto que de baixa fortuna, a Samaritana, como mostrou no discurso que teve com Cristo; e com a ciência que bebeu no poço de Sicar, ficou tão profundamente sábia, como a que mereceu ouvir da boca do mesmo Senhor aquele altíssimo segredo, ainda não revelado ao mundo, de que ele era o Messias: Ego sum, qui loquor tecum (15). Com esta enchente de sabedoria e luz sobrenatural, em lugar da água que viera buscar, se voltou logo a Samaritana para a sua cidade, a levar a fé e notícia de Cristo. Mas de que modo? E caso em que todos os santos e expositores fazem grande reparo. O que somente disse foi que ela, no poço de Sicar, encontrara um homem, o qual lhe dissera tudo quanto tinha feito em sua vida: que fossem eles ver se porventura seria o Messias: Venite et videte hominem qui dixit mihi omnia quaecumque feci: Nunquid ipse est Christus (Jo. 4, 29)? Pois, se a Samaritana sabia de certo que Cristo era o Messias, por que o não prega declaradamente, por que o põe ou propõe somente em dúvida, e diz aos seus cidadãos que vão eles ver se porventura é aquele: Nunquid ipse est Christus?(16) Quando Santo André, pela doutrina de seu mestre, S. João Batista, soube que Cristo era o Messias, logo foi dizer declaradamente a seu irmão, São Pedro, que tinham achado o Messias: Invenimus Messiam, quod est interpretatum Christus. E São Filipe, quando teve a mesma notícia, também deu a nova declaradamente a Natanael: Quem scripsit Moyses in lege, et prophetae, invenimus Jesum(17). Pois, por que não falou com a mesma clareza a Samaritana, e somente pôs em dúvida e questão o que sabia de certo?

Santo Agostinho, São Crisóstomo e todos os Padres dizem que obrou a Samaritana prudentissimamente, não fiando que os da sua cidade lhe dessem crédito em matéria tão grave. Mas quem declarou a razão desta mesma desconfiança com admirável energia foi o mesmo evangelista São João, referindo o caso. Notai as palavras: Reliquit ergo hydriam suam mulier et abiit in civitatem, et dixit illis hominibus (18). Foi a mulher à cidade, e disse àqueles homens; e como aqueles a quem havia de converter eram homens, e ela mulher, não teve a samaritana confiança para crer, nem ânimo para esperar que eles se persuadissem só pelo que ela lhes dissesse. Por isso tocou somente o ponto, e excitou a questão: Nunquid ipse est Christus? Por isso lhes disse, que fossem eles e vissem? Venite, et videte. Como se discorrera assim consigo: se a matéria é tão grave, e eles são homens, e eu mulher, como me hão de crer a mim? Vão eles e vejam o que eu vi, vão e ouçam o que eu ouvi, e eles se persuadirão a si, que não eu a eles. Tal foi o prudente temor da Samaritana, desconfiando totalmente de poder converter a homens, sendo ela mulher, posto que tão alumiada por Cristo. Para que se veja que quando Catarina não convencera nem convertera os filósofos, só a confiança com que se ofereceu a sair em campo com eles, era, de mulher para homens, uma grande vitória. Convenceu-os, porém, e

converteu-os tanto sobre o crédito de todas as mulheres, e tanto sobre o conceito de todos os homens, como agora veremos.

## VI

Apareceram os anjos às Marias na manhã da Ressurreição, e apareceu-lhes o mesmo Senhor ressuscitado, o qual lhes mandou — como já lhes tinham mandado os anjos — que levassem a alegre nova aos apóstolos. Foram, disseram todas o que viram, e o que os anjos e o Senhor dos anjos lhes tinham dito; e que conceito fizeram os apóstolos assim da embaixada como do testemunho das Marias: *Visa sunt ante illos sicut deliramentum verba isto, et non crediderunt illis* (19). O conceito que fizeram de tudo foi dizerem que eram delírios, e nenhum crédito lhes deram. Por certo que não sei quais eram neste caso os delirantes. Para serem dignas de crédito estas testemunhas, cada uma por si, e muito mais todas juntas, bastava serem escolhidas pelos anjos e pelo mesmo Cristo para tal embaixada. A qualidade e juízo de Maria Madalena era bem conhecida e respeitada; as outras duas Marias eram parentas muito chegadas do Senhor; e Maria Salomé, mãe de dois apóstolos, e Maria Jacó de três. Pois, se por tantos respeitos eram dignas de todo crédito, e todas afirmavam o mesmo como testemunhas oculares, por que razão não só se lhes nega o crédito, mas é censurado de delírios tudo o que dizem? Mais. No mesmo dia disse São Pedro que Cristo lhe aparecera, e todos creram logo que era verdadeiramente ressuscitado: *Surrexit Dominus vere, et apparuit Simoni* (20). Pois a Pedro, que pouco há negou três vezes a seu Mestre, se dá tanto crédito, e às três Marias, que o assistiram na cruz e o foram buscar ao sepulcro, nenhum? Se Pedro é discípulo, elas também são discípulas; se Pedro é santo, elas também são santas; se Pedro é verdadeiro, elas também são verdadeiras; se a Pedro apareceu Cristo, a elas também apareceu, e mais os anjos, que São Pedro não viu; sobretudo, Pedro é um, e elas três; e que a mesma verdade na boca de São Pedro haja de ser verdade, e na boca das Marias delírio? Sim, que Pedro é homem, e as Marias mulheres, e não há nem houve outra razão.

Ouvi aos discípulos, que desesperados iam para Emaús: *Nos autem sperabamus, et super haec omnia tertia dies est hodie; sed et mulieres quaedam ex nostris terruerunt nos, dicentes se visionem angelorum vidisse, qui dicunt eum vivere* (Lc. 24,21 ss): Nós esperávamos; mas sobre tudo o que temos dito, hoje é já o terceiro dia, e além disso umas mulheres das nossas disseram que viram anjos, e que ele é vivo e ressuscitado. Pois este mesmo testemunho de ser o Senhor vivo e ressuscitado no mesmo terceiro dia não era grande motivo, antes de crerem, que de desesperarem? Sim, era, se não fora testemunho de mulheres. Mas como era testemunho de mulheres, posto que mulheres da mesma escola: *Mulieres quaedam ex nostris* (21), tão longe estiveram de os confirmar na fé, que antes lhes tiraram a esperança: *Nos autem sperabamus, sed et mulieres quaedam terruerunt nos* (22).

Vamos agora ao nosso caso, e vejamos o que não persuadiram as Marias e o que persuadiu Catarina, e quais eram os homens a quem elas não persuadiram, e quais aqueles a quem Catarina persuadiu. Os homens a quem não persuadiram as Marias eram os apóstolos; os que persuadiu Catarina eram os filósofos. Os apóstolos eram cristãos, os filósofos gentios. Os apóstolos eram discípulos de Cristo, e todos da mesma escola; os filósofos, uns eram discípulos de Pitágoras, outros de Sócrates, outros de Platão, outros de Aristóteles, outros de Demócrito, outros de Epicuro, e as escolas e seitas que seguiam, tão diversas e ainda contrárias, como a dos pitagóricos, a dos cínicos, a dos peripatéticos, a dos estóicos, a dos acadêmicos, e as demais. Sobretudo os apóstolos amavam a Cristo e desejavam a mesma ressurreição que não criam, e esta, que os teólogos chamam *pia affectio*, é a melhor disposição para crer; pelo contrário, os filósofos eram inimigos do mesmo Cristo e sua lei, e esta mesma malevolência era a disposição mais repugnante que podiam ter para a fé, porque in malevolam animam non introibit sapientia(23). E sendo uns e outros tão dispostos, os apóstolos para crer, e os filósofos para não crer, as Marias, por serem mulheres, não persuadiram aos apóstolos um só mistério da fé, qual era o da Ressurreição, e Catarina, com ser mulher, persuadiu aos filósofos todos os mistérios da mesma fé, se todos contrários às suas disposições.

Os filósofos, uns criam em muitos deuses, outros negavam totalmente a divindade, e Catarina persuadiu a todos que havia Deus, e que este era um em essência, e trino em pessoas, e que, sendo



cada uma Deus, não eram três deuses, senão um só Deus. Os filósofos criam que o mundo fora ab eterno, e uns diziam que o criara Deus necessária, e não livremente, outros que era incriado, e tinha o ser de si, ou que ele se criara e se fizera a si mesmo; e Catarina persuadiu-lhes que o mundo tivera princípio, e havia de ter fim, e que Deus o criara voluntariamente em tempo, e não composto de átomos, como outros diziam, senão criado de nada. Os filósofos ensinavam que todas as coisas sucediam a caso, que umas não podiam deixar de ser, porque assim o tinham decretado os fados, e outras eram mudáveis e contingentes, sem outra dependência que o arbítrio da fortuna; e Catarina persuadiu-lhes que não havia fortuna nem fados, nem as coisas sucediam a caso, senão todas governadas com suma sabedoria, e que a Providência divina era a ordem e governo delas. Os filósofos nunca souberam que houvesse pecado original nem remédio dele; e Catarina persuadiu-lhes que no primeiro homem pecaram todos os homens antes de serem, e que para remédio deste e dos outros pecados o Verbo, segunda Pessoa da Trindade, sem deixar de ser Deus, se fizera homem. Os filósofos não conheceram que uma natureza se pudesse supositar na subsistência de outra; e Catarina persuadiu-lhes que no composto inefável de Cristo subsistiam no mesmo suposto duas naturezas realmente distintas, e que, sendo o mesmo Cristo juntamente Deus e homem, juntamente era infinito e finito, juntamente imenso e limitado, juntamente impassível e passível, juntamente imortal e mortal.

Os filósofos uns negavam a imortalidade da alma, outros a duvidavam; e Catarina persuadiu-lhes que não só a alma era imortal, senão que também os corpos o haviam de ser depois de ressuscitados, e que então os havia de julgar Cristo, mandando os maus para o inferno, e levando os bons para o céu, a ver e gozar de Deus para sempre, e que nesta vista clara de Deus consistia a bem-aventurança do homem, sobre a qual os mesmos filósofos tinham tantas e tão diversas opiniões. Finalmente, os filósofos abominavam sobretudo e tinham por coisa indigna de homens com juízo, adorar por Deus a um crucificado: *Gentibus autem stultitiam* (24); e Catarina lhes persuadiu que não só haviam de adorar o crucificado, senão também a cruz, ainda que fosse ou tivesse sido o instrumento do mais infame suplício, e não só a mesma cruz, senão qualquer imagem dela. E que todos estes mistérios da fé, sendo tão superiores à razão humana, que muitos parecem contrários a ela, os persuadissem uma mulher a cinqüenta filósofos gentios, quando três santas, e de tanta autoridade, só por serem mulheres, não puderam persuadir um só mistério da Ressurreição a onze discípulos de Cristo, vede se foi estupenda vitória.

Mas a maior circunstância dela, a meu sentir, ainda não foi esta. E qual foi? Foi que não só persuadiu Catarina aos filósofos toda a fé de Cristo, senão a virtude mais própria de Cristo, e nunca conhecida da filosofia, e a mais dificultosa de aprender, que é a humildade. Porque, tendo entrado naquele grande teatro tão soberbos e vãos com as suas ciências, nenhum duvidou de se sujeitar a render à sabedoria e doutrina de uma mulher, sem repararem nem fazerem caso de que todos os circunstantes vissem e todo o mundo soubesse que uma mulher os vencera. Tendo Abimelec entrado à força de armas os muros de Tebes, e não lhe restando por render mais que a última torre, a cujas portas estava pondo fogo, uma mulher lançou de cima sobre ele uma grande pedra, de que caiu mortalmente ferido na cabeça, mas ainda teve acordo para dizer ao seu pajem da lança estas palavras: *Evagina gladium tuum, et percute me, ne forte dicatur quod a foemina interfectus sim* (Jz. 9, 54): Tira depressa pela espada, e mata-me, por que se não diga no mundo que me matou uma mulher. — Tão injuriosa coisa é aos homens, principalmente grandes e famosos, qual era Abimelec, poder-se dizer que uma mulher os venceu, que antes se deixarão e mandarão matar, que sofrer tal injúria. Porém os cinqüenta filósofos ensinados por Catarina, de tal maneira tinham desprezado o mundo e todos os seus ditos, que não só não tiveram por afronta confessar que uma mulher os vencera, mas, em testemunho de ela os ter vencido, e da fé que lhes tinha ensinado, não duvidaram em se deixar matar e queimar vivos, como todos foram mortos e queimados por esta causa. Pudera-se dizer que nesta ação eles se mostraram mais que homens, como Catarina mais que mulher, mas baste que ela fique mulher, e eles homens, para que não excedamos o nosso assunto.

## VII

Ponderada a vitória de Catarina pelas duas considerações de número a número e de sexo a sexo, se

foi maravilhosamente insigne, e por ser de uma a cinquenta, e de mulher a homens, a terceira e última consideração, e que mais a qualifica de admirável, é ser de sábia a sábios. Que as cinco virgens sábias do Evangelho não reduzissem uma néscia, costume é dos néscios serem incorrigíveis; mas que uma sábia reduzisse a tantos sábios, esta digo que foi a mais prodigiosa circunstância daquela vitória, e o troféu mais ilustre da nossa sábia vencedora.

Aquele prólogo vulgar dos filósofos, que um semelhante não tem atividade contra outro semelhante: *Simile non agit in simile*, em nenhuma gente se verifica mais que de sábio a sábio. Como pelejam com armas iguais, podem-se resistir, mas não se podem vencer. A mais celebrada disputa de que há memória nas divinas letras, e como tal a primeira e mais antiga coisa que se escreveu no mundo, foi a de Jó com aqueles três filósofos que o vieram visitar em seus trabalhos (Jó 2, 11). Aconteceu-lhes o que acontece ordinariamente entre letrados, que começa a visita em conversação, e acaba em questão e disputa. Disse, pois, Jó o que lhe ditava a sua dor, e quando esta lastimosa proposta pedia mais consolações que argumentos, argumentou contra ela, em primeiro lugar, Elifaz, em segundo Beldad, em terceiro Sofar, e, posto que Jó respondeu copiosa e eficazmente assim aos argumentos como as instâncias, que uma e outra vez replicaram sobre as suas respostas. Eliú, que ouvia de fora, tomou a mão sobre todos, e o argüiu de novo tão furiosamente, que, se o mesmo Deus não interpusera sua autoridade, favorecendo a parte de Jó, não se sabe em que viria a parar a disputa. Pois, se Jó tinha tanta ciência, assim adquirida como infusa, se natural e sobrenaturalmente era tão sábio, se falou tanto e tão altamente, e com aquela força de eloquência que a mesma dor ensina ainda aos que não sabem falar, sobretudo, se tinha de sua parte a razão, e respondeu a todas as contrárias, como não rendeu nem convenceu estes amigos, antes os irritou mais? Porque todos eram filósofos, todos sábios, todos doutos, e não há mais dificultosa vitória que de sábio a sábios. É verdade que a razão estava da parte de Jó, como definiu o mesmo Deus, mas eles, como eram filósofos e doutos, ainda que lhes faltasse a razão, ou sofisticas ou verdadeiras, para tudo tiveram razões. Ledo com atenção o que disseram, para que, depois de admirados da profundidade de suas filosofias, vos admireis mais de que Santa Catarina convencesse a tantos filósofos.

O que a mim me admira e pasma, sobretudo, é que toda esta vitória fosse unicamente da sabedoria e eloquência da nossa santa, sem se valer de prodígios nem milagres, como em semelhantes conflitos fizeram outros santos, e o mesmo Santo dos Santos. Ponde-vos à vista da cidade de Damasco, vereis toldar-se o céu, bramir os ventos, escurecer-se e acender-se as nuvens, tudo relâmpagos, tudo trovões, tudo raios (At. 9,3)! Que é isto? É que desce Cristo do céu a reduzir e converter a Saulo. Pois, tanto empenho, tanto aparato, tanto estrondo, tanta máquina, para reduzir a um homem? Não sois vós, Senhor, aquele mesmo que com um venite post me, reduzistes a Pedro e André, a João e Diogo? Com um sequere me a Mateus? E com um descende (25) a Zaqueu? Pois para reduzir também a Saulo, não bastam poucas ou muitas palavras, senão acompanhadas de tamanhos prodígios? Sim, diz a mesma Sabedoria descida do céu. Não sabeis que Saulo é um homem douto, graduado na escola de Gamaliel, e o mais vivo engenho de toda ela? Pois esta é a dificuldade e diferença que há entre sábios e letrados aos que o não são, para se reduzirem e converterem. Por isso se vêem tantas letras e tão poucas conversões. Levantam-se os indoutos e idiotas com o reino do céu, e nós, com as nossas letras, estamos indo ao inferno, dizia Agostinho a Alípio, e Alípio a Agostinho, e com esta consideração aquele grande par de doutores se fizeram igualmente santos. Mas já que estamos com São Paulo à vista, entremos com ele na Coimbra da Grécia, e vejamos os progressos que faz a sua eloquência e espírito naquelas escolas.

Entrou São Paulo na cidade e Universidade de Atenas, mãe até aquele tempo de todas as ciências do mundo; encontrou-se ali — diz o texto (At. 17,16 s) -com vários filósofos, particularmente estóicos e epicureus, com os quais disputou, e estes o levaram ao Areópago, que era o tribunal supremo da justiça e da ciência, por que desse conta da nova doutrina que pregava. Era Paulo aquele famosíssimo orador, que de três coisas que desejava ver Santo Agostinho, a primeira era a humanidade de Cristo, e a segunda a Paulo pregando. Pregou pois em presença dos areopagitas com maior peso de sentenças, com maior eficácia e energia de eloquência do que nunca foi ouvido em Atenas Demóstenes. E quantos converteu daqueles sábios? Caso maravilhoso! Um só, Dionísio

Areopagita, nos diz São Lucas que convertesse; mas eu vos digo que, sendo esta conversão e vitória de um só, não foi toda de São Paulo. Lembrou-se Dionísio que, peregrinando no Egito com Apolofanes, vinte anos pontualmente antes, em vinte e cinco de março, tinha visto na cidade de Heliópolis aquele estupendo eclipse que o obrigou a exclamar, como ele mesmo escreve: *Aut Deus naturae patitur, aut mundi machina dissolvetur* (26). E combinado o que tinha visto com o que ouvia a Paulo, inferindo de uma verdade a outra, deu crédito a tudo o mais que pregava. De sorte que, bem considerava esta conversão do Areopagita, não foi Paulo propriamente o que o converteu a ele, senão ele, pelo seu discurso, o que se converteu a si mesmo. E se contudo, a quisermos atribuir às coisas ou instrumentos que para ela concorreram, só a metade da vitória foi de Paulo, e a outra metade do sol. O sol foi, como pedra de Davi, o que deu o primeiro golpe naquela cabeça, e a espada de Paulo a que consumou a vitória. E se do apóstolo das gentes, se do vaso de eleição, escolhido nomeadamente por Deus para doutor e mestre da gentildade, apenas se pode afirmar com inteiro elogio que de todos os filósofos de Atenas converteu um, quem poderá dignamente compreender, ó Catarina, a imensidade de louvor devido a vossos triunfos, pois de cinquenta filósofos escolhidos, não só na mesma Atenas, senão em toda a Grécia, Egito e Palestina, nenhum houve que resistisse à vossa sabedoria e eloquência: a todos inteiramente vencestes e convencestes. Mas ainda não está adequado o paralelo.

O modo com que São Paulo quis introduzir em Atenas a fé do verdadeiro Deus, foi dizendo que ele achara naquela cidade um altar, o qual tinha por título *Ignoto Deo*, e que este mesmo Deus, o qual Atenas já adorava, mas não conhecia, era o que ele pregava. A razão deste raro e prudentíssimo invento foi porque não esperava São Paulo poder persuadir aos atenienses que recebessem outro Deus, constando que Sócrates, na mesma cidade, fora condenado à morte com duzentos e oitenta e um votos do senado, só por querer introduzir deuses novos. Acomodando-se, pois, o apóstolo à capacidade, ou incapacidade dos homens por uma parte tão supersticiosos da religião e por outra tão presumidos da sabedoria, absteve-se de nomear nova divindade, ou nova adoração, e só lhes propôs e pregou um novo conhecimento da que já adoravam: *Quod ergo ignorantes colitis, hoc ego annuntio vobis* (27). Como se dissera: não vos prego que não adoreis o que adorais, mas só que conheçais o que não conheceis. Aquele a quem levantastes altar, vós mesmo credes que é Deus, e vós mesmos confessais que o não conheceis: *Ignoto Deo*. Pois este Deus, que vós já reconheceis por Deus, é o que eu vos prego, e deste, que vós confessais por não conhecido, é que eu vos anuncio o conhecimento. — Tão cortês, e tão suavemente, e com tanto decoro e reverência da sabedoria ateniense lhes quis introduzir São Paulo a fé do verdadeiro Deus, mas não pôde. Lá vai São Paulo navegando para Corinto (At. 18,1), sem outro despojo de Atenas mais que um filósofo. Porém, Catarina, sem mover pé do teatro imperial, tanto maior e mais ilustre que o Areópago, ali exprobra livremente aos filósofos a falsidade de seus deuses, ali declara por idolatria as suas adorações e altares, ali os obriga e convence, não só a crer com o entendimento a verdadeira divindade de um só Deus, e todos os outros mistérios da fé cristã, mas a confessá-los a vozes diante de todos.

### VIII

Não sei se ponderais e sondais bem o fundo desta última cláusula. Conhecer um sábio a sua ignorância ou o seu erro é muito fácil: não fora sábio, se o não conhecera. Porém, chegar a o confessar, e confessá-lo publicamente, é o ponto mais árduo e dificultoso a que se pode reduzir o brio humano, e tanto mais quanto maior for o nome, a opinião e o grau que tiver de douto. Ponderou Nicodemos a doutrina de Cristo, juntamente com a grandeza de seus milagres, e veio a conhecer que só ela era a verdadeira, e toda a outra falsa: *Scimus quia a Deo venisti, magister: nemo enim potest haec signa facere, quae tu facis* (28). Delibera-se a ir buscar o divino Mestre e lançar-se a seus pés, para que o ensine, mas como? *Erat homo ex pharisaeis, Nicodemus nomine: hic venit ad Jesum nocte* (29).

Despiu a toga, ou a beca, e disfarçado e desconhecido foi buscar ao Senhor de noite. Vede como o argúi São João Crisóstomo: *Scimus, inquit, quia a Deo venisti, magister Quid ergo noctu venis, et clanculum ad eum, qui divina docet qui a Deo venit? Quid non aperte profiteris* (30)? Se conheceis que Cristo é mestre vindo do céu, se conheceis que a sua doutrina é divina, e o vindes buscar para que vos

ensine, por que vindes de noite e às escondidas, por que não confessais isso mesmo clara e publicamente? — Porque Nicodemos era um mestre de grandíssima reputação em Israel. Assim o declara o texto grego: Tu es magister ille in Israel (31). E posto que ele já reconhecia os seus erros, isso era em segredo, e das portas do seu entendimento para dentro; porém, que esses mesmos erros e ignorâncias, de que já estava convencido, os houvesse de confessar publicamente, de nenhum modo fez, ou se atreveu a fazer tal coisa Nicodemos, porque lho não consentia a reputação e o crédito, e por isso vinha de noite. De noite reconhecia que era morcego, de dia queria ostentar-se águia.

Oh! se os livros falaram, quantas ignorâncias haviam de dizer, que consultam com eles de noite, os que de dia se publicam grandes letrados? Mas não é só a capa da noite a que dissimula estes defeitos. Quantas vezes reconhece o quinau na consciência o mesmo que na cadeira o defende a voz? Pouco sabe quem não conhece a força do argumento e a fraqueza da solução. Uma coisa é responder, outra falar no cabo. Mas sendo mui freqüentes as contrições destes pecados lá no secreto da consciência, chegar com eles à pública confissão quem tem opinião de sábio, é milagre só da graça de Santa Catarina. Todos aqueles cinquenta filósofos eram os primeiros mestres nas suas universidades, como vimos; e que cada um reconhecesse a força das demonstrações com que os impugnava Catarina, e dentro de si mesmo se descesse das opiniões que tinha estudado e ditado, muito foi, mas não foi tanto; porém que todos, em um ato tão público, não duvidassem de confessar estes mesmos erros, e detestar as suas seitas, e não sustentar a toda a força, e sem ela, os dogmas das suas escolas, aqui pasma a admiração, e perde o nome o encarecimento.

Pus no último lugar o não sustentar os dogmas das suas escolas, porque este é o último castelo em que o erro dos sábios, ainda depois de convencido, se sustenta e defende obstinadamente, sem se render à mais conhecida verdade. Grandes exemplos viu a nossa idade destas batalhas do entendimento, e se perguntardes a uns e outros combatentes a causa, não é outra que o amor natural ou parcial bebido com o leite da primeira doutrina, e a honra e reputação da própria escola. Mas vamos à primitiva Igreja. Contra a publicação da lei da graça, que Santo Estêvão pregava, diz a história dos Atos Apostólicos que entre outras escolas de Cilícia e de Ásia se levantaram nomeadamente a dos libertinos, a dos alexandrinos e a dos cirenenses, os quais disputavam com Estêvão, porém que não podiam resistir à força do espírito e sabedoria que nele falava: Surrexerunt quidam de Synagoga libertinorum et syrenensium et alexandrinorum disputantes cum Stephano, et non poterant resistere sapientiae et Spiritui qui loquebatur(32). Suposto, pois, que não podiam resistir, segue-se que se renderam? Nada menos. Antes se viu aqui praticada uma que parece implicação porque, faltando de uma parte a resistência, da outra não resultou a vitória. Eles não podiam resistir, e Estêvão não os podia vencer. Pois, homens sábios, ou presumidos de sábios, se disputastes, se argüistes, se respondestes, se tendes dito uma e outra vez quanto sabieis, e vedes que não podeis resistir, por que vos não rendeis, por que vos não confessais vencidos? Porque libertinos, alexandrinos e cirenenses, todos pugnavam pelas suas escolas, e quem pugna pela própria escola, poderá não poder resistir, mas chegar a se confessar vencido, não pode ser. Faltar-lhes-ão as razões, faltar-lhes-ão os argumentos, ver-se-ão atalhados e mudos, e quando não tiverem outro gênero de defesa, arremeterão às pedras, e assim foi. Em lugar de Estêvão sair vencedor da disputa, saiu apedrejado, e eles tão obstinados e duros como as pedras, mas não convencidos. Alexandrinos podemos dizer que eram todos os cinquenta filósofos que hoje se acharam no teatro de Alexandria, mas todos de tão diferentes seitas e escolas, como as que já nomeei. O espírito e sabedoria que falava em Catarina, reduziu-os a termos que não podiam resistir: Non poterant resistere sapientiae et Spiritui, qui loquebatur Mas a vitória maior e o ponto mais subido dela, foi que se confessassem vencidos e convencidos, não só contra o crédito das próprias opiniões de cada um, mas contra a soberba e arrogância das suas mesmas escolas.

Desta maneira triunfou a nossa sábia vencedora de todas as escolas mais famosas da filosofia gentílica, e assim conseguiu de todos os cinquenta filósofos, com o discurso de poucas horas, o que as sábias do Evangelho não puderam conseguir de uma só néscia em muitos dias de companhia e trato. A primeira vez que Ezequiel viu aquele carro triunfal, chamado da glória de Deus, tiravam por ele quatro animais enigmáticos, compostos de homem, de leão, de águia, de boi (Ez. 1, 10). Tornou depois

o mesmo profeta a ver o mesmo carro, e dos quatro animais, o boi estava transformado em querubim: *Facies una, facies cherub; et facies secunda, facies hominis; et in tertio facies leonis, et in quarto facies aquilae* (33). E donde lhe veio ao boi uma tão notável melhora? Veio-lhe da companhia e trato que teve no mesmo carro com o homem e com a águia, para que entendam os que desejam aprender e saber quanto importa ainda aos mais rudes tratar com sábios. O querubim é um rosto humano com asas, e como o boi no carro acompanhava com o homem e com a águia, do homem tomou o rosto, e da águia as asas, e por isso, sendo boi, saiu querubim. O mesmo se pudera esperar das cinco néscias, por mais rudes que fossem; mas foi tão pouco eficaz a companhia e trato das sábias, que todas ficaram tão néscias como dantes eram. Ficou porém reservado o milagre da transformação para o carro triunfal de Catarina com muito maior maravilha da que viu Ezequiel.

E se não, pergunto: por que se transformou ali o boi, e não o leão? A rudeza ou bruteza do leão, como a do boi, ambas são de quatro pés. Pois, se o leão igualmente andava junto com o homem e com a águia, por que se não transformou também em querubim? Porque o boi é animal sujeito e humilde, o leão é inchado e soberbo, e, por mais racional que seja o entendimento do homem, e mais sublime que seja a agudeza da águia, onde há inchação e soberba, nem o homem, nem a águia podem introduzir a sua forma. Esta é a alegoria do famoso carro, o qual, para maior glória de Catarina, também hoje transformou os leões. Que eram os cinquenta filósofos, senão outros tantos leões soberbos e inchados com a presunção e arrogância das suas ciências, aos quais lançou o imperador Maximino a Catarina, naquele segundo anfiteatro de Alexandria, como faziam no de Roma. Mas as razões do juízo de Catarina eram tão superiores às de todos os homens, e a agudeza do seu discurso tanto mais penetrante que a de todas as águias, que nenhuma soberba a pôde rebater, nenhuma inchação resistir. Sujeitos, pois, e humilhados assim os cinquenta leões, todos com a grenha caída, e todos com a boca tapada, essa mesma sujeição e humildade os fez capazes da forma de querubins, e, transformados nesta nova figura, com pompa jamais vista no mundo, foram os que levaram até o céu o carro triunfal de Catarina, laureado de outras tantas palmas. Eles diante, como sábios vencidos, e ela no trono, como sábia vencedora: vencedora uma de tantos, vencedora mulher de homens, e vencedora sábia de sábios.

## IX

Tenho acabado o meu discurso, e não sei se satisfeito ao que prometi. Seguia-se agora a peroração e exortar nela os ouvintes, como se costuma, à imitação da santa; mas a nossa sábia vencedora, assim na sabedoria como nas vitórias é inimitável. O que só posso, e desejo aconselhar, é que todos os estudiosos e doutos, já que não podem imitar a santa vencedora, imitem os filósofos vencidos. Duas coisas tiveram insignes estes famosos catedráticos: a primeira, a docilidade, a segunda, a constância. A docilidade, com que se renderam à verdade conhecida da doutrina de Catarina, e a constância, firme até a morte com que defenderam a mesma verdade, apesar e a despeito do imperador.

Quem não é dócil, senhores, não pode ser douto; antes, a mesma docilidade é um sinônimo da ciência. Disse Deus a Salomão que pedisse o que quisesse, porque tudo lhe concederia. O que pediu foi docilidade: *Dabis servo tuo cor docile* (34); e o que o Senhor lhe concedeu foi a maior sabedoria que nunca teve, nem terá outro homem: *Dedi tibi cor sapiens, et intelligens in tantum, ut nullus ante te similis tui fuerit nec posto te surrecturus sit* (35). Pois, se Deus tinha prometido a Salomão que lhe daria o que pedisse, e ele pediu docilidade, como lhe deu ciência? Por isso mesmo. Porque docilidade e ciência são a mesma coisa, e não podia Deus, segundo a sua promessa, deixar de lhe dar ciência, tendo ele pedido docilidade. Assim lho disse o mesmo Deus: *Ecce leci tibi secundum sermones tuos* (36). A ciência nenhuma outra coisa é que o conhecimento claro de muitas verdades, umas em si, que são os princípios, e outras que delas se seguem, que são as conclusões. E aqueles que não têm docilidade, — como são os tenazes do próprio juízo, e ferrados à sua opinião — ainda que a verdade se lhes represente, não são capazes de a receber. Por isso estes tais cada vez sabem menos, e todas as vezes que a opinião passa a erro, perseveram nele. O mesmo havia de suceder aos filósofos de Santa Catarina, persistindo e obstinando-se mais nos erros das escolas que seguiam e em que foram criados; mas a sua docilidade, que é o que só tinham de sábios, foi a que lhes tirou dos olhos o véu da cegueira, com que conheceram claramente a verdade, e, conhecida, a abraçaram e defenderam.

Nesta defesa consistiu a sua admirável constância, conservando-se firmes no maior perigo e invencíveis na maior tentação, em que costumam fraquear e cair os doutos. Qual vos parece que é a maior e mais forte tentação em que se pode ver um homem letrado? A maior tentação de um letrado é conhecer a inclinação, e vontade, e o empenho do rei, e não torcer da verdade, nem acomodar as suas letras ao que ele quer. E neste ponto tão árduo e dificultoso é que se provou a constância dos cinquenta filósofos verdadeiramente sábios e doutos, depois que, na escola de Santa Catarina, aprenderam o que não sabiam e conheceram a verdade. A vontade e empenho do imperador Maximino em que pugnassem pela divindade de seus falsos deuses e defendessem sua adoração; mas eles, sendo chamados e escolhidos a esse fim, e conhecendo a vontade e empenho do imperador, e o risco a que se expunham de cair na sua desgraça e nas mãos da sua crueldade enfurecida, antes quiseram perder a vida e ser lançados, como foram, em uma fogueira, que desdizer, nem torcer um mínimo ponto do que entenderam que era verdade.

Oh! que ditosas seriam as repúblicas, que veneráveis as universidades, e que bem-aventurados os mestres e doutores delas, se imitassem a verdade, o valor e a constância destes filósofos! *Beatus vir qui non abiit in consilio impiorum, et in via peccatorum nom stetit, et in cathedra pestilentiae non sedit* (Sl.1, 1). Estas são as primeiras palavras com que Davi, rei e profeta, deu princípio ao Livro dos Salmos, cheios de tão altos mistérios, sendo muito digno de se notar que os homens, também primeiros, de que se falou, fossem os doutores e catedráticos. — Bem-aventurados, diz, os que não ajuntarem o seu voto ao conselho dos ímpios, os que não assistirem e defenderem o caminho dos pecadores, e os que se não assentarem na cadeira da peste. — E se os que isto fazem, são por isso bem-aventurados, os que fizerem o contrário, que serão? As cadeiras das universidades, ainda que sejam de Teologia, de Leis, de Cânones, todas são de Medicina, porque todas se ordenam à saúde pública. E que seria se os catedráticos da saúde se trocassem em catedráticos da peste: *In cathedra pestilentiae?* Pois, saibam que tais são os que, tentados da ambição, da lisonja ou do temor, em lugar de desenganarem com a verdade aos príncipes que os consultam, se deixam enganar do seu, ou de outros respeitos, e o que eles desejam ou pretendem, isso respondem que é justo. Mudam as leis como as velas, segundo o vento que corre, dissera eu; mas Davi o declarou com comparação mais vil, e por isso mais própria, dizendo que se deixam levar do mesmo vento como o pó da terra: *Tanquam pulvis, quem projicit ventus a facie terrae* (37). Os que são ou podem ser tentados desta tentação ouçam ao grande Teodoro na exposição deste mesmo texto: *Nam quando tentatio flaverit, arguuntur tanquam pulvis terrae, hinc inde dispersi ad placitum dynastarum sententiam mutantes*: A tentação é a esperança ou o temor; os doutores inconstantes são o pó solto e leve; a vontade ou inclinação dos dinastas é o vento; e o voto, a sentença e a interpretação das leis, o que eles querem ou se presume quererem. E por esta perversão das letras e dos letrados, as mesmas universidades e cadeiras, donde havia de manar a saúde pública, vêm a ser o veneno, a ruína e a peste dos reinos: *Cathedra pestilentiae*.

Se eu pregara onde agora me não querem ouvir, não deixara de representar aos reis, ou a seus ministros, o exemplo nunca assaz louvado de Baltasar, e o prêmio que tirou Daniel da verdade e constância com que lhe interpretou as suas letras. Continha-se nelas não menos que a morte do rei, a perda da coroa imperial e a sujeição de toda a monarquia a seus inimigos; e, não lhe restando a Baltasar mais que poucas horas de vida, na mesma em que lhe anunciou Daniel uma tão funesta sentença, o mandou vestir de púrpura e levantar à maior dignidade. Assim premiou um tal desengano quem tão enganado vivia. Mas esta generosidade e justiça de um rei gentio falta hoje em muitos príncipes cristãos e desejosos de parecer justos, os quais antes querem imitar ao imperador Juliano, tão apóstata da verdade, da razão e da sua mesma coroa, como o tinha sido da fé. Tendo frequentado Juliano a Universidade de Atenas, e prezando-se de douto, só estimava e premiava aqueles letrados que não conheciam outra lei mais que a da sua vontade. Assim o escreve dele seu antigo discípulo, São Gregório Nazianzeno: *Alios honoribus capiens, nimirum eos, qui nullam legem, quam principis voluntatem agnoscebant*. E onde os professores das letras têm os aumentos seguros na adulação e perigosos na verdade, vede se lhes é mais necessário serem jubilados na constância que graduados nas ciências?

Sobre esta injustiça dos prêmios ainda acresce outra maior e que mais reforça a tentação. E qual é? É que estes hereges das leis — ainda que sejam canônicas — são os aplaudidos de letrados e os reputados por doutos; e, pelo contrário, os que defendem a razão e pugnam pela verdade, ficam tidos por idiotas e ignorantes, como ficaram os nossos filósofos na opinião de Maximino e dos seus adutores. Esta circunstância de tentação, como dizia, é a mais forte, e, para ânimos generosos, a mais sensível, quanto vai do interesse à honra. Mas, para que todo o letrado cristão não tema o boato destas opiniões, posto que coroadas, e vença a vaidade delas com a verdade, tome na memória uma só sentença, com que acabo, digna de se mandar gravar com letras de bronze em todas as universidades do mundo: Penes regem noli velle videri sapiens (Ecl. 7,5): Guarda-te de querer ser tido por sábio no conceito dos reis. — E de quem é este conselho, este aviso e esta cautela? Não é menos que do Espírito Santo, por boca do Eclesiástico, para que ninguém a duvide. Mas, se o que mais estimam os homens, e porque mais trabalham, assim na paz como na guerra, é que os reis tenham boa opinião deles, que razão particular há nos sábios para que a não queiram? A razão é porque os reis — comumente — não têm por doutos e sábios senão aqueles que em tudo aprovam e se conformam com os seus ditames e interesses políticos, e com as razões ou pretextos com que os querem justificar; e como isto muitas vezes não pode ser sem ofensa das leis divinas e violências das humanas, melhor é para os tais casos ser reputado por menos douto, e não ter para com os reis opinião de sábio: Penes regem noli velle videri sapiens. E notai que não só diz o Espírito Santo: não queiras ter tal opinião com os reis, mas o que diz é: não queiras querê-la ter: Noli velle: não queiras querer. De sorte que não só proíbe o desejo, senão o desejo do desejo; nem só proíbe a vontade, senão a vontade da vontade: Noli velle porque, se quem não quer, está longe de desejar, quem não quer querer, ainda está mais longe. E tão longe como isto deve estar todo o sábio de querer parecer sábio diante dos reis: Penes regem noli velle videri sapiens.

Isto é o que todo o sábio deve não querer querer, e queira Deus que todos não queiram, assim como não quiseram todos os filósofos que Santa Catarina fez, não só verdadeira, mas constantemente sábios. A mesma sábia vencedora, pela grande valia que tem com Deus, alcance a todos os presentes esta fortaleza e constância, para que, vencedores de tão grave tentação, e perseverando até à morte na mesma vitória, mereçam ser admitidos, com os que ela ensinou, à companhia e glória de seu triunfo. Amém.

- (1) Mas cinco de entre elas eram loucas, e cinco prudentes (Mt. 25,2)
- (2) A sabedoria edificou para si uma casa (Prov. 9, 1).
- (3) Saíram a receber o Esposo e a Esposa (Mt. 25,1)
- (4) E, tardando o esposo (Mt. 25,5)
- (5) E as que estavam apercebidas entraram com ele a celebrar as bodas, e fechou-se a porta (Mt. 25,10).
- (6) Cujo cume chegue até o céu (Gên. 11,4)
- (7) E pois que eles começaram esta obra, não desistirão do seu intento, menos que o não tenham de todo executado (Gên. 11,6)
- (8) Vinde, pois, desçamos e confundamos a sua linguagem (Gên. 11,7).
- (9) Destrói, Senhor, confunde as línguas deles, porque tenho visto a injustiça e a contradição na cidade (Sl. 54,10).

- (10) Mata e come (At. 10,13) — Ita Greg. Chrysost. et alii PP.
- (11) E lançaram cada um deles a sua vara, as quais se converteram em dragões (Êx. 7, 12).
- (12) Pois eu não permito à mulher que ensine (1 Tim. 2,12).
- (13) A mulher aprenda em silêncio (1 Tim. 2,11).
- (14) Naquele dia, pois, humilhou Deus a Jabim, rei de Canaã, diante dos filhos de Israel (Jz. 4,23)
- (15) Eu sou, que falo contigo (Jo. 4,26).
- (16) Temos achado ao Messias, que quer dizer o Cristo (Jo. 1,41).
- (17) Achamos aquele de quem falou Moisés na lei, e de quem escreveram os profetas, a saber Jesus (Jo. 1,45).
- (18) A mulher, pois, deixou o seu cântaro, e foi-se à cidade, e disse àqueles homens (Jo. 4,28).
- (19) Mas o que as mulheres lhes diziam pareceu-lhes um como desvario, e não lhes deram crédito (Lc. 24,11).
- (20) Na verdade o Senhor ressuscitou, e apareceu a Simão (Lc. 24,34)
- (21) Certas mulheres, das que conosco estavam (Lc. 24,22).
- (22) Ora nós esperávamos, mas certas mulheres nos espantaram (Lc. 24,22).
- (23) Na alma maligna não entrará a sabedoria (Sab. 1, 4).
- (24) Uma estultícia para os gentios (1 Cor. 1,23).
- (25) Vinde após mim (Mt. 4, 19). Segue-me (Mt. 9,9). Desce (Lc. 19,5).
- (26) Ou está padecendo o Deus da natureza ou a máquina do mundo se desmorona.
- (27) Pois, aquele Deus, que vós adorais sem o conhecer, esse é de fato o que vos anuncio (At. 17,23).
- (28) Sabemos que és mestre, vindo da parte de Deus, porque ninguém pode trazer estes milagres que tu fazes (Jo. 3, 2).
- (29) E havia um homem dentre os fariseus, por nome Nicodemos. Este uma noite veio buscar a Jesus (Jo. 3,1 s).
- (30) Chrysost. Hom. 23.
- (31) Maldonat. hic.
- (32) E alguns da sinagoga, que se chama dos libertinos, e dos cirenenses, e dos alexandrinos, e dos que eram da Cilícia, e da Ásia, se levantaram a disputar com Estêvão, e não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito que nele falava (At. 6, 9).
- (33) Uma face era face de querubim, e a segunda face era face de homem, e no terceiro havia face



de leão, e no quarto face de águia (Ez. 10, 14).

(34) Darás a teu servo um coração dócil (3 Rs. 3,9)

(35) E te dei um coração tão cheio de sabedoria e de inteligência, que nenhum antes de ti te foi semelhante, nem se levantará tal depois de ti (3 Rs. 3,12).

(36) Eis, pois, te fiz o que me pediste (3 Rs. 3, 12).

(37) Como o pó que o vento espalha de cima da face da terra (Sl 1, 4).